



CARTA AO POVO DE DEUS

*Aos sacerdotes, diáconos, religiosos e religiosas,
fíéis da Igreja da Diocese de Angra,
irmãos e irmãs de outras confissões cristãs e religiões,
homens e mulheres de boa vontade*

Caros amigos,

é com grande expectativa que inicio as chamadas “visitas pastorais” às paróquias da Diocese de Angra. Espero conhecer mais profundamente a geografia física, humana e religiosa das nove ilhas. A visita é uma tarefa primária do bispo diocesano para encontrar, escutar e confirmar na fé as pessoas e comunidades cristãs, bem como cimentar laços com todos, também com os homens e mulheres de boa vontade ou mesmo não crentes. Somos companheiros da mesma viagem.

Começarei as Visitas pelas ilhas mais pequenas: Flores em setembro/outubro, S. Jorge em dezembro, Graciosa em fevereiro e Santa Maria em março. As restantes virão em 2025/26/27. Faço-o num período da vida da Igreja Universal e também diocesana de forte reflexão e esforço para discernir rumos novos para uma Igreja em “saída missionária”, com lugar para todos e preparada para encarnar o Evangelho em palavras e gestos que todos entendam. Em Roma, temos o Sínodo sobre a Sinodalidade e, na Diocese, o “*Itinerário Diocesano – caminhar na esperança*”, a lembrar que Sinodalidade, Fraternidade e Esperança são hoje autênticos laboratórios de experimentação do futuro.

“A Esperança caminhava com eles”

Preparando-me pessoalmente para a Visita, ocorre-me a passagem do Evangelho (Lc 24, 13-35) que nos faz contemplar de perto e de uma maneira muito viva o episódio de dois homens tristes que, no entardecer do Dia da Ressurreição, regressam de Jerusalém para casa, cansados, desiludidos, cabisbaixos, sem fé, convencidos que a vida já não lhes dá mais esperança. Voltar a casa era regressar à vida e lugar de antes, sem Cristo. Foi mesmo aí, no

meio do caminho, que a Esperança - o próprio Jesus Ressuscitado - se colocou a caminhar com eles.

Também para nós, Igreja açoriana, encetar caminhos de esperança pede o passo, mesmo se pesado, de cada um; precisa da palavra, mesmo se triste, de cada caminhante; precisa de coração aberto à escuta de uma Outra Palavra; precisa de coração quente e não apenas de mente e lógica humana; precisa do Ressuscitado na história de cada um para dar sentido ao que é comum. Até Jesus, o Ressuscitado, se dispõe a fazer caminho! A Sua ação não é automática, segue a capacidade humana de cada caminhante e “faz-se um” com ele, respeita o passo, leve ou pesado, mas não o deixa ficar na mesma posição! A todos faz descobrir o caminho que têm pela frente e ganhar forças para o percorrer. Diziam no final: “Não nos ardia cá dentro o coração”?

É meu desejo conhecer o que se faz nas paróquias e ouvidorias no anúncio da Palavra (evangelização), no cuidado com os pobres (caridade) e na oração e Sacramentos, em especial a Eucaristia (liturgia). Desejo agradecer tudo o que se faz e perceber as dificuldades e sinais de crise para discernirmos em conjunto os tais caminhos novos e seguir.

Na verdade, existe já muito bem nas comunidades. Basta pensar nos centros de catequese. Quanta generosidade e até heroicidade nos catequistas das nove ilhas; quantos valores duradouros de fé e compromisso social passam pela pastoral juvenil com as suas atividades (basta pensar nos 900 jovens na Jornada Mundial da Juventude); quanto bem fazem os milhares de leigos envolvidos nos Conselhos Pastorais e nos Conselhos Económicos, nos Grupos Corais, nas Instituições Particulares de Solidariedade Social, Grupos Cáritas, Vicentinos, Movimentos Juvenis, Familiares e de Espiritualidade, nas Irmandades do Divino Espírito Santo e outras, nas Romarias, etc. Mas quanto bem passa também pelas associações culturais, académicas, laborais, profissionais, recreativas e desportivas, onde cristãos e homens e mulheres de boa vontade levam sementes de esperança! Há muitas razões para a esperança!

Vai ser bom encontrarmo-nos e ver que podemos fazer melhor, sobretudo se nos soubermos unir para pensar juntos, escutar, dialogar e discernir sem deixar ninguém de fora, zelando para que a nossa diocese seja um espaço cada vez mais justo e fraterno, mais plural e aberto, um verdadeiro poliedro onde cada face é igualmente importante.

Vamos ter oportunidade para um autoexame à luz do Evangelho de Jesus e dos desafios que os novos tempos nos lançam. Na Igreja há sinais de crise que são transversais: a busca e a vivência dos sacramentos apenas com carácter sociológico e não como etapas de compromisso a viver como discípulos de Cristo; abandono da prática dominical da Eucaristia como referência comunitária; catequese sistemática destinada a crianças e adolescentes, ficando, depois, os adultos sem a formação cristã contínua que lhes dê conhecimentos necessários à vida e problemas de hoje; escasso envolvimento das famílias nas tarefas da evangelização e sacramentos; perda do sentido da vocação cristã, seja ela laical, familiar, de consagração ou sacerdotal; paróquias com falta de voluntários leigos e serviços demasiado centralizados no pároco; falta de concretização de uma Igreja verdadeiramente Povo de Deus, com mais serviços e ministérios laicais, assumidos por

fidelidade consciente ao batismo e não apenas porque o pároco chama; perda da vivacidade comunitária nas paróquias, onde há necessidade de uma atenção especial a quem é diferente, a quem tem necessidades especiais mas quer ser incluído, onde haja capacidade de acolhimento de quem chega, com outros hábitos e costumes e, porventura, até com outra fé. Vamos fortalecer a comunhão fraterna entre nós para nascerem as estruturas necessárias, e se relançar a esperança numa Igreja mais ministerial e missionária.

“Todos, todos, todos, caminhar na Esperança”

Estas primeiras Visitas Pastorais decorrem dentro do Itinerário Pastoral 2023/25, com o título “*Todos, todos, todos, Caminhar na Esperança*”. O Itinerário prepara-nos para uma caminhada até aos 500 anos da diocese, em 2034. Também aqui as Visitas Pastorais podem ser um verdadeiro Laboratório de Esperança que fique para o futuro. Seguir-se-á, em 2025, o Jubileu da Esperança.

O Senhor ressuscitado caminha com a sua Igreja e com a humanidade. Ele ama este mundo e sabe tirar o bem mesmo do mal e inquietar os corações mais fechados, para que se abram à verdade, à justiça, ao perdão e à paz. Ele é a esperança que não desilude, que não engana. E é sobre Ele que devemos construir esta Igreja plural, de onde transborde o Seu amor em cada um de nós, nas relações uns com os outros e com o mundo.

É com esta convicção que vos quero encontrar nas comunidades, nas famílias, nos grupos e nos ambientes da vida quotidiana: para confirmar a vossa fé e vos convidar a prosseguir sempre com confiança, não nas nossas fracas forças, mas no Senhor e na constante ação da sua graça.

A terminar deixo uma saudação muito forte às comunidades da Ilha das Flores, onde iniciarei dentro de dias a primeira Visita Pastoral. Saúdo os padres e diácono, todos os empenhados na pastoral, os membros do Conselho Pastoral e dos Conselhos Administrativos e, muito particularmente, os mais idosos, os doentes, frágeis, as crianças e as famílias. Espero contar com a alegria dos nossos jovens e vê-los ao longo da Visita. Saúdo os moradores que vieram de outros países e culturas e partilham os mesmos espaços desta bela e abençoada Ilha das Flores!

Rezo ao nosso Bom Deus e invoco o Seu Espírito Santo para que, no final da Visita, possamos dizer que a Ouvidoria das Flores é uma verdadeira “COMUNIDADE DE COMUNIDADES”!

Estou ansioso por vos encontrar. Peço-vos que rezeis pelo bom êxito desta visita e confio-vos à Nossa Mãe e Rainha da Esperança, a quem confio esta etapa da vida diocesana.

Que o Deus do Amor e da Paz vos abençoe a todos.

Angra, 26 de setembro de 2024

Armando Esteves Domingues, Bispo de Angra